

BEBEL SOARES

SEM PARAÍSO E SEM MAÇÃ

COM NANQUINS DA AUTORA



SEM PARAÍSO E SEM MAÇÃ

© 2020 by Isabela Soares

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Eduardo Ferrari

EDIÇÃO: Ivana Moreira

TEXTO E ILUSTRAÇÕES: Bebel Soares

REVISÃO DE TEXTO: Gabriela Kimura

FOTOGRAFIA: Bruna Tassis

Esta obra é uma coedição entre EFeditores e Literare Books International. Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização do autor.

CAPÍTULO 1

CASOS DE FAMÍLIA

CHEGUEI AO MUNDO

Nasci no dia 25 de janeiro de 1975. A bolsa da minha mãe se rompeu de madrugada. Ela acordou meu pai e ele, no auge do sono, perguntou se ela tinha certeza de que não havia feito xixi na cama.

Fácil uma gestante, no final da gravidez, confundir xixi na cama com o rompimento da bolsa! Ele entendeu e eles foram para a maternidade.

Minha mãe conta que não chegou a ter contrações e que o médico pediu autorização do meu pai para fazer uma cesariana. O médico não pediu autorização para a minha mãe para abrir a barriga dela e me tirar lá de dentro. Pediu para o marido, afinal, quem manda aqui?

Quando papai foi me registrar fez confusão e colocou o sobrenome Nogueira da minha avó materna e não o Guimarães do meu avô materno. Deve ter sido um sinal. Nogueira era o nome da família da mãe da minha avó, o pai dela era Gaio, sobrenome italiano que não valia nada no início do século XX. Melhor colocar só o Nogueira dos filhos e morrer com esse Gaio.

Sou a mais velha de três filhos e o erro no sobrenome ficou só para mim. A única dos mais de vinte netos que ficou com o sobrenome da avó Irene e da mãe dela.

O outro sobrenome é Soares da Cunha, que veio dos meus avô, bisavô, tataravô e mais um monte de antepassados que saíram de Portugal e vieram para o Brasil, um tal Diogo Soares da Cunha, responsável pela Semaria de Madalena na época que os portugueses descobriram e invadiram o Brasil.

O meu pai é o único dos irmãos que ficou com o sobrenome composto, Soares da Cunha, os outros só Cunha, uso o Soares para ser diferente dos dois lados da família.

AVÓ IRENE

Vovó Irene pariu dez filhos, na fazenda, no interior de Minas Gerais. Parto natural com parteira, dentro do quarto, sem assistência médica ou pediátrica. Nove deles chegaram à vida adulta. Um morreu no parto.

A bolsa da vovó se rompeu de madrugada, só chamaram a parteira pela manhã, ela chegou tarde demais. Minha avó ficou muito fraca depois daquele parto difícil. Acharam que ela iria morrer, mas onze meses depois minha mãe nasceu.

Hoje eu me pergunto, como ela estaria abalada naquele momento com a perda de um bebê daquela forma, mesmo já tendo outros quatro filhos. Fraca, fragilizada, engravidou dois meses depois do acontecido. Será que ela quis fazer sexo? Ou fez porque era sua obrigação de esposa. Nunca vou ter a resposta, mas tenho minhas suposições.

Minha mãe não sabe, mas ela foi um bebê arco-íris. Esse termo é recente, simboliza a promessa de sol depois da chuva, calma depois da tempestade. A chegada da felicidade depois de muita tristeza. Aquele bebê que chega depois da perda de outro.

Talvez, por isso, a escolha do nome dela, Maria. Maria sozinho, sem composição com outro nome próprio. Ela não gostava, achava que os irmãos tiveram nomes mais criativos e sofisticados, Dezirene (que era Delzir mais Irene, os nomes dos pais), Marlene, Eliene e Simone.

A fazenda onde minha mãe nasceu havia sido do avô dela, que herdou de um parente cujos filhos foram mortos em uma tocaia, aquelas brigas por causa de terras.

Sempre me impressionava com essa história, os dois únicos filhos dele, mortos pelo vizinho por causa de uma cerca. Era assim que os homens resolviam seus problemas, matando.

No caminho para a cidade havia uma floresta densa. Minha avó contava que tinha medo de passar por aquele lugar que havia sido apelidado de Mortandade. Dizia que era assombrado pelos africanos escravizados que fugiram e fizeram um quilombo ali.

Foram mortos pela polícia porque homens brancos acreditavam que homens pretos não tinham direito à liberdade. Assassinados. Era assim que os homens brancos resolviam seus problemas, matando.

A floresta não existe mais. Virou pasto. Orgulho dos donos de terra naquela época era limpar o terreno. Ou seja, derrubar todas as árvores e plantar capim. Meu avô limpou a fazenda toda. Ainda tem gente que faz isso hoje achando bonito. Era assim que homens brancos donos de terra tratavam a natureza.

Meu avô Dé era dessas pessoas que faziam roda, eu me sentava no fogão de lenha da cozinha para ficar escutando-o contando causos e rindo. Mas ele também era o cara que não tinha quase nenhum estudo e conseguiu muita coisa, apesar disso. Tinha fazenda, tinha mineração.

Minha mãe ainda era criança quando a família se mudou para a cidade. As filhas fizeram curso normal, professoras. Dos filhos, só o mais novo fez faculdade, Odontologia. Homem não precisava estudar, bastava contar com a herança do pai.

As filhas foram criadas para ser boas moças, boas esposas. Eram moças de família. Porque tem mulher para casar e tem mulher para se divertir.

Os irmãos delas levavam isso muito a sério, tanto que meu primo mais velho é filho de uma prostituta da cidade. Não o conheço. Só teve a paternidade reconhecida quando já tinha uns quarenta anos, depois de um teste de DNA.

Mais uma desses casos que entram nas estatísticas de filhos criados só pela mãe, sem o nome do pai na certidão de nascimento. É assim que os homens fazem quando não querem ter filhos, fingem que eles não existem.

Bonito era ser macho, mulher ficava em segundo plano. E homem afeminado também. Certamente não foi fácil para o meu tio mais novo lidar com sua homossexualidade. Passou a vida no armário. Todo mundo sabia, mas preferia fingir que não. Era assim que as famílias de bem lidavam com o que consideravam anormal, com hipocrisia.

Ele era dessas pessoas amarguradas, adorava apontar o dedo para os defeitos dos outros, chamar mulher de puta. A pessoa infeliz tende a julgar mais os outros para esconder seus próprios defeitos, ou problemas.

Esse tio morreu de câncer que começou no reto e tomou conta de vários órgãos. Me lembro dele desejando que outras pessoas morressem dessa doença. Cuidado com o que você deseja para os outros. Infelizmente eu não tive maturidade nem coragem para ajudá-lo naquela época, ele só precisava ser aceito do jeito que ele era.

Minha avó morreu pouco depois dele. Hoje vejo como ela também foi incompreendida. Não teve muitas oportunidades de sorrir. Quase não saía de casa. Tenho certeza de que tinha depressão, sempre falou que estava morrendo, passou metade da vida morrendo. Viveu mais de noventa anos, morrendo. Hoje eu entendo como era difícil ser mulher, esposa e criar nove filhos naquela época. Só cobranças.

AVÓ INALDA

Meu pai nasceu em Salvador, meu avô era engenheiro civil e trabalhava para o governo. Família que valorizava os estudos, inclusive das mulheres. Eu achava incrível ter tias avós formadas, dentistas, musicistas. Mulheres independentes que moravam sozinhas. Solteiras!

Meus avós se mudaram de Salvador para o interior de Minas quando meu pai era criança. Esperava que meu avô tivesse atitudes menos machistas por causa da família dele, sua mãe havia ficado viúva cedo e criou os filhos trabalhando em seu ateliê onde ela fazia vestidos de noiva.

Minha avó Inalda era a perfeita dona de casa. Cozinhava, bordava, fazia tricô e crochê. Mãe de 7 filhos, mas também poderia ter sido mãe de dez, perdeu três filhos. A primeira filha morreu poucos dias depois de nascer. Meu pai veio depois dela. Outro bebê arco-íris. Ninguém soube me dizer do que a menina morreu, nasceu enorme, mais de quatro quilos.

Vovó não precisava ter passado pelas outras duas perdas, mas meu avô a obrigou a fazer abortos porque não queria mais filhos. Segredo de família.

Quando ela engravidou novamente, depois de passar por aqueles procedimentos traumáticos e sofrer calada, decidiu não contar para ele enquanto fosse possível disfarçar. Quando ele soube a gestação já estava adiantada demais. Ela teve gêmeas.

Meu avô fundou uma empresa de engenharia. Meu pai foi trabalhar com ele, assim como seus irmãos, cunhados. Empresa familiar. Foi quando nos mudamos para Belo Horizonte.

PAI

Quando eu era bem pequena ele era meu papito. Era ele quem me levava ao cinema e ao parque Municipal enquanto minha mãe ficava em casa com meu irmão mais novo que era bebê. E ainda me lembro de ir ao supermercado comprar feijoada em lata pra comer à noite porque a mamãe estava no hospital com um recém-nascido.

Então eu cresci um pouco e, comecei a ter medo de falar com ele porque falava grosso demais. Era tudo através da minha mãe. Fiquei tímida.

Mas meu pai foi o primeiro homem que eu vi chorar. E talvez tenha sido na primeira vez que vi aquelas lágrimas que eu tenha começado a entender que estava tudo errado nessa nossa cultura do “menino não chora”.

Enquanto crescia ia perdendo o medo de falar com ele. Na adolescência minha mãe falava não para tudo, e ele falava sim.

A gente não concorda com um monte de coisas, porque filho nunca vem conforme o projetado. E família é assim mesmo.

É na família que a gente começa a entender e aceitar as diferenças. Principalmente quando você nasce com um raio problematizador e se torna a ovelha negra, a que pensa diferente, a que questiona tudo.

RUA HELVÉCIA

Quase um ano depois da mudança para Belo Horizonte minha mãe ia para o hospital ganhar meu irmão. Quando ele nasceu papai nos levou à maternidade.

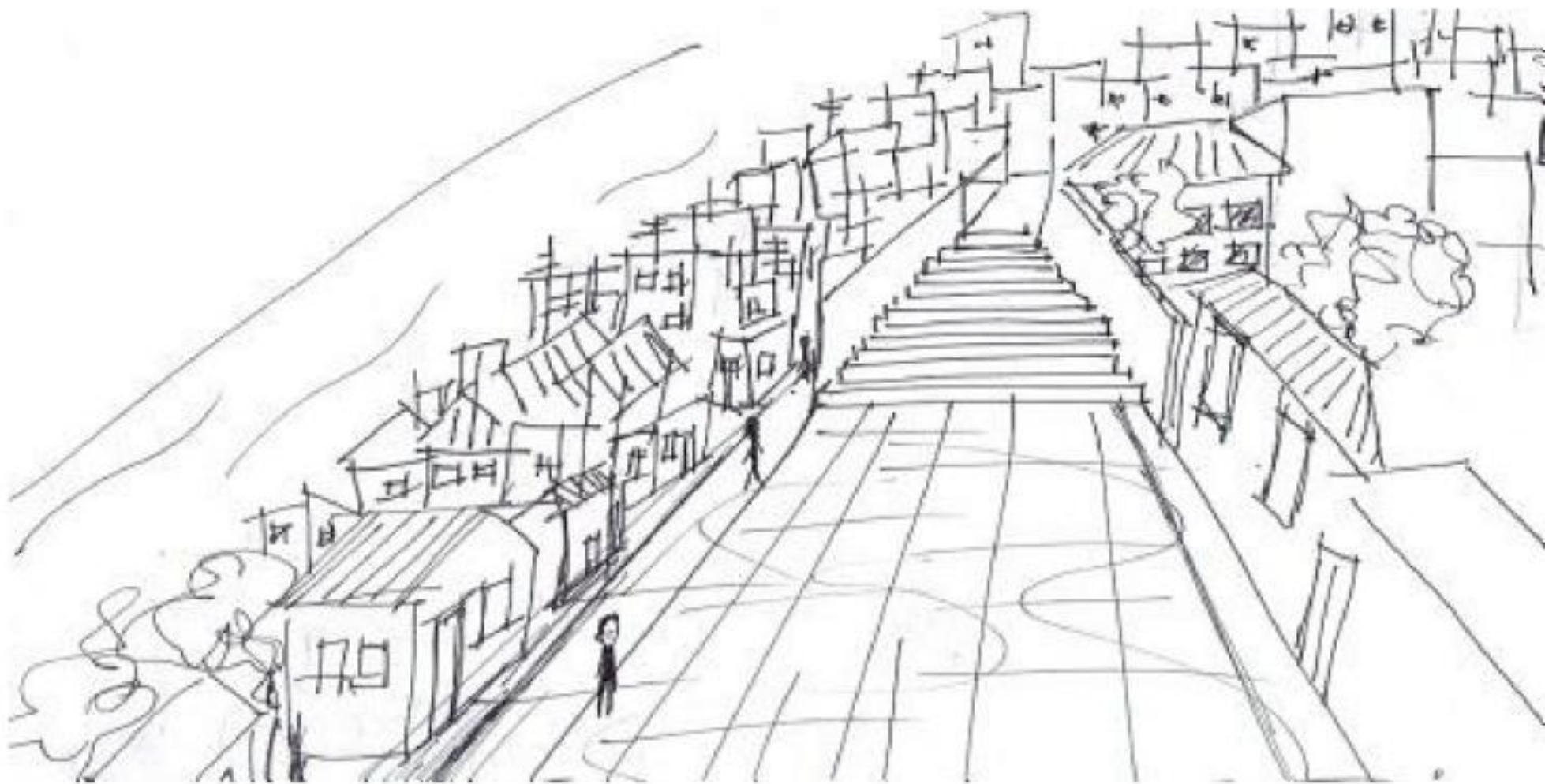
Eu e minha irmã ficamos acenando para ela lá de baixo, do estacionamento, ela na janela do quarto, coisa esquisita, criança não podia entrar para conhecer o irmãozinho.

Morávamos na Rua Helvécia, 143. Nosso primeiro endereço em Belo Horizonte. Endereço que me deu a primeira oportunidade de ver as desigualdades sociais. Do outro lado da rua tinha várias casinhas, e atrás delas era uma favela.

Em seguida vinha o Rio Arrudas, onde hoje é a Avenida Tereza Cristina. Lembro de enchentes que levaram barracos e moradores. Lembro de ver um colchão passando boiando no rio.

A rua não tinha saída, as crianças da favela brincavam ali, de amarelinha, bolinha de gude. Na nossa casa tinha quintal, e no quintal tinha um balanço, tinha uma goiabeira, um pé de romã.

Nossa casa tinha garagem, e tinha carro na garagem. As casas do outro lado da rua só tinham paredes, sem reboco. Casinhas que se amontoavam umas nas outras. Os becos ziguezagueando entre elas.



CASA DE VÔ

Nos fins de semanas e férias íamos para a fazenda do meu avô. Nadávamos em açudes. Andávamos de bicicleta na estrada de terra. E descíamos a ladeira cimentada na frente da casa em carrinhos de rolimã que meu pai fazia. Também brincávamos de cozinhar num minifogão de lenha de tijolinhos. Subíamos em árvores. Meninos e meninas brincando das mesmas coisas.

Na casa da minha avó Irene tinha um quintal enorme, com muitas árvores, horta, galinheiro. Nunca teve uma máquina de lavar roupas lá. Era tudo lavado na mão. As roupas brancas eram estendidas no gramado, ficavam lá quarando. Ferro de passar roupa esquentava com carvão.

Nos fins de semana, família toda reunida, a Bina matava dois frangos para fazer ao molho pardo. Aprendi a comer pescoço, que era a parte que sobrava, era muita gente para pouco frango. Na geladeira sempre tinha um pratinho esmaltado com sangue de galinha para fazer o molho.

A cozinha era bem grande, com um fogão a lenha de azulejos azuis onde eu gostava de me sentar para escutar a proza dos adultos à noite, “quentando” fogo. Aquele fogão a lenha com biscoitos quentinhos saindo do forno. E a gente brincando de show de calouros no alpendre. Ou de liga da Justiça... Pega-pegas, esconde-esconde, batatinha frita...

Não tinha muitas heroínas femininas na Liga da Justiça, Mulher-Maravilha, Batgirl, a gêmea dos Supergêmeos. Heróis eram muitos, os meninos podiam escolher. Eu acabava sendo a Mulher-Gato, melhor ser vilã do que não ser ninguém.

APARTAMENTO DE VÓ

ovó Inalda morava em apartamento. Vovô comprava tudo que tinha de mais tecnológico. Aparelho de som, televisão, filmadora, lava-louças, lavadora de roupas,

secadora de roupas, e todos os utensílios de cozinha que você possa imaginar. E os que você nem imagina também.

Lá a ceia de Natal era com acarajé, vatapá, caruru, xinxim de galinha. Sempre tinha coalhada e sorvete na geladeira, que ela mesma fazia. A melhor torrada da vida era aquela com o pão que a vovó fazia.

Vovó fazia yoga, gostava de viajar e assistir programas de culinária para testar novas receitas.

1982

O único ano que estudei em escola pública foi maravilhoso. Ditadura militar. Todos os dias cantávamos o hino nacional, saudação à bandeira do Brasil. Naquela época ninguém escolhia presidente.

Escola pública com alunos que moravam na favela ali perto, outros classe média. Muitos amigos pretos e pobres. Uma professora maravilhosa, Maria Lúcia, que lia todos os dias um capítulo de um livro. Lembro demais de “A Revolta das Bruxinhas”. Brígida era uma bonequinha preta de pano, uma bruxinha. Não era linda e desejada como as outras bonecas loiras e de olhos azuis... Ah, eu amo a Brígida! Maria Lúcia me ensinou a gostar de ler.

Íamos para escola de carona com o Antônio, dono da venda da esquina, pai da Cecília. No carro a gente ouvia Blitz todos os dias.

No recreio brincávamos de pega-pega naquele espaço enorme, meninos e meninas correndo incansáveis.

No fim daquele ano, minha professora falou com minha mãe que, se ela pudesse, deveria me colocar em uma escola particular porque o ensino público estava piorando muito, não sei de detalhes. Minha mãe seguiu o conselho e me colocou no Loyola. Foi quando comecei a ver o “nós” e o “eles”. A ter medo de pivetes, que eram aqueles mesmos meninos que brincavam comigo na escola anterior. Muito cedo eu aprendi o que é desigualdade, difícil era entender por que as pessoas concordavam com ela.

FAZENDA

Assoalho de madeira, ladrilho hidráulico, portas rangendo. As frestas no piso que deixavam ver o porão logo abaixo. Os açudes onde nadávamos, pescávamos, e nos esbaldávamos em boias enormes feitas com câmaras de ar de trator. Pesquei muita tilápia, aprendi a limpar os peixes depois de pescar. Usava minhoca de isca, a gente mesmo colocava a minhoca no anzol.

Na bica d'água limpava os peixes. Mas também brincava que a bica era foguete, moto e o que a imaginação permitisse. A água saía de uma manilha e caía numa bacia de cimento. O bambuzal dava um pouco de medo. Medo de ter cobra escondida. Ou algum Saci.

Mas a gente sempre passava por lá, porque era emocionante passar lá, ouvir o barulho do vento batendo nos bambus, e um bambu batendo no outro. Para depois atravessar a pinguela e chegar na ilha que ficava no canto da lagoa.

Tinha uma árvore que era nosso prédio. Cada galho era um apartamento imaginário, cada um tinha o seu. Passávamos horas lá em cima. E não tinha luz elétrica. Teve na época do meu bisavô, mas quando eu era criança já não tinha mais. A luz antes era produzida lá mesmo, e o que era gerado dava para ou acender as lâmpadas da casa, ou ligar o rádio para ouvir as notícias.

Mas quando eu era criança já não tinha mais, a usina tinha estragado. Tinha restado a manivela no quarto de casal, dizem que tinha que girar para acender as luzes. Ficamos com a luz de velas nos quartos e nas salas, entre a cozinha e a copa ficava um lampião. Eu gostava muito daquelas luzes bruxuleantes, do pé-direito alto, o forro de ripas de maneiras pintadas de azul. De vez em quando passava um morcego ou dois para dar um susto na gente.

O céu tem mais estrelas quando a energia elétrica passa longe. E tem mais vagalumes também. Em dias ensolarados o azul era muito limpo, sem sinal de poluição. Olhei para uma nuvem que passou na frente do sol, os raios saíam de trás dela e eu pensei que aquilo devia ser uma abertura no céu. Uma presença divina na imaginação de uma criança.

Às vezes a gente acordava antes do sol nascer só para ir até o curral para beber leite tirado na hora. Da teta da vaca direto para o copo. Quentinho. O curral ficava colado na outra casa, a que meu avô construiu. Onde ele e minha avó moraram quando se casaram, onde minha mãe nasceu. A gente ficava na casa mais antiga, que havia sido construída pelo meu bisavô João Batista.

A gente sempre acompanhava a movimentação do gado. Adorava ver os bezerrinhos. De vez em quando tinha briga entre dois bois. E tinha vaca brava, daquelas que corriam atrás da gente. Uma vez pulei um muro segurando uma caixa de sapatos com uma codorna dentro para escapar de uma dessas. Eu e a codorna passamos bem, apesar do coração ter saído pela boca! A gente vira atleta olímpico numa hora dessas.

Mas não é só vaca de bezerro novo que é brava não, galinha de pintinho também pode ser um perigo. Meu irmão devia ter uns quatro anos, quando a galinha ficou furiosa quando ele tentou pegar um pintinho, ele foi correndo falar com a minha mãe: mãe, a galinha me xingou!



Mesmo correndo risco de tomar uma bicada, era bom ir até o galinheiro pegar ovos mesmo aqueles que estavam embaixo de alguma galinha.

E chupar as frutas direto do pé? Laranja, manga, pitanga, amora, jabuticaba... Descobrir um ninho de passarinho quando ia colher uma fruta, ficar vigiando para ver quando os filhotes saíssem dos ovos.

Meu pai fazia carrinhos de rolimã para descermos na rampa de acesso à casa. Coisa boa descer a ladeira cimentada fazendo aquela curva. Às vezes capotando e ralando tudo.

Sair de bicicleta pela estrada de terra, sentindo o cheiro do capim, o vento batendo no rosto. Ainda tenho a mesma sensação de liberdade quando pego uma bicicleta. A gente ia longe e nunca tinha adulto acompanhando, só a molecada.

De noite ia todo mundo para a cozinha. Na coberta, uma varandinha na porta da cozinha, tio Jairo tocava sanfona, alguém tocava violão. Sertanejo raiz.

Na cozinha, com o fogão de lenha aceso, um dedo de prosa, um copinho de cachaça... A gente só escutando os causos que os adultos contavam.

Criança não tinha muita voz, mas eu não era muito de falar mesmo, gostava de ouvir, quietinha mexendo na lenha que queimava no fogão.

BICHOS

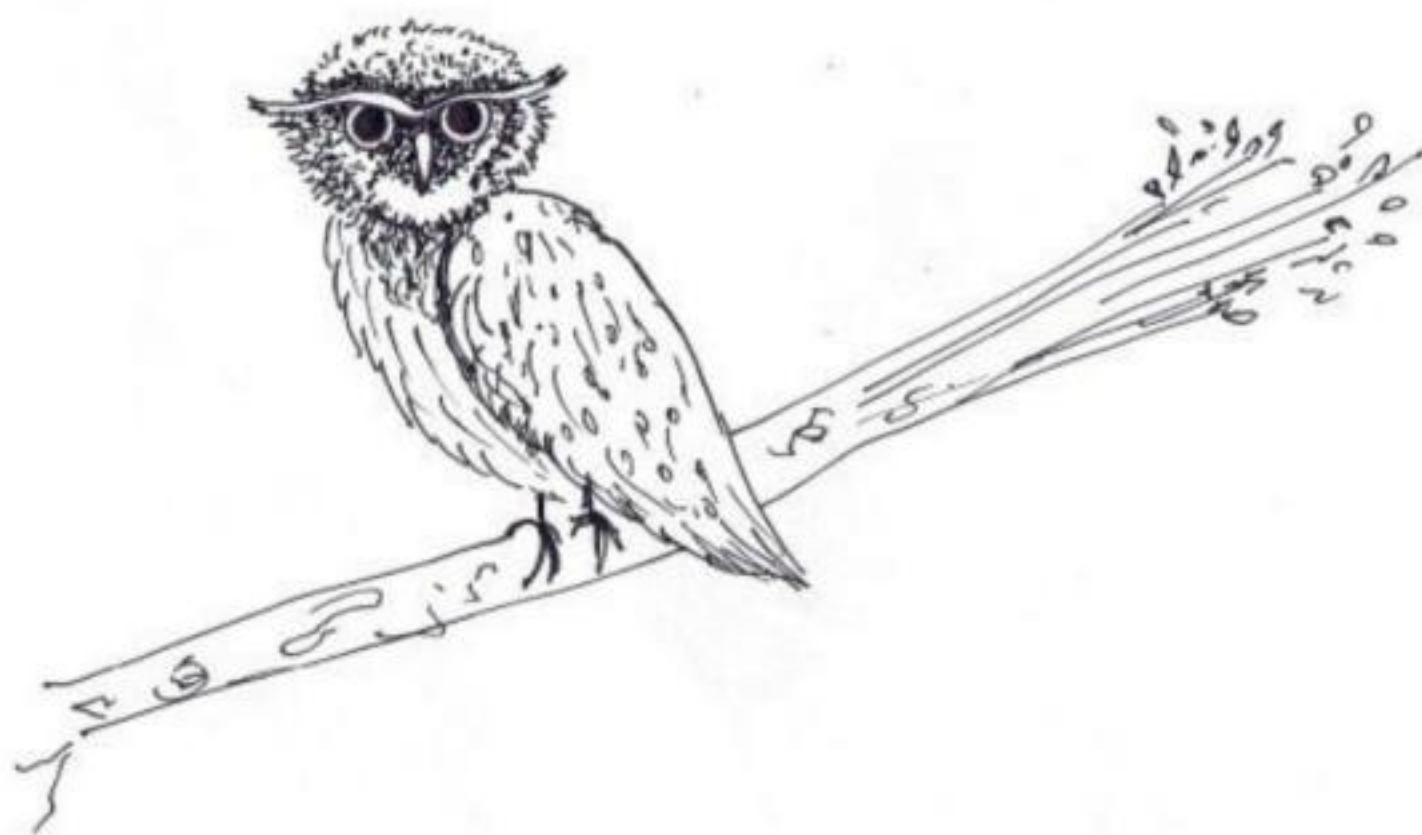
Certa vez meu pai resgatou um filhote de coruja da chuva, todo molhado. Levou para casa e eu cuidei dela. Estava cheia de berne, nos ouvidos, no bico. Tirei tudo com pinça. Dava carne para ela comer. Minha avó não gostava que tivesse coruja em casa, falava que era mau agouro. Cuidei dela até que se recuperou, meu pai a levou de volta para a fazenda, entregou para o meu tio que ficou de soltá-la, quando voltei lá a encontrei presa numa gaiola, faminta e louca.

Não consegui tirá-la de lá, não tinha luvas para proteger minhas mãos e ela estava

agressiva de tanta fome. Tive medo de que arrancasse um pedaço do meu braço pra comer. Chorei muito, estavam dando minhoca para ela comer, corujas não comem minhoca. Eu tinha medo dos adultos, não falei nada. Tentei libertá-la sem que ninguém visse, não consegui. Ela morreu naquela gaiola. Morreu de fome. Gente é assim, prende o bicho e maltrata, deixa na gaiola até morrer de tristeza ou de fome, o que vier primeiro.

As pessoas tinham mania de tirar filhote de passarinho de ninho e prender em gaiolas. Pássaros Pretos, Canários, Sabiás. Gostavam de ouvir o canto triste de quem tem asas para voar, mas não tem liberdade. Prazer sádico da humanidade.

A gente teve codornas, elas ficavam soltas no jardim. Aquela gaiola para seis codornas com uma inclinação para o ovo escorregar para gente colher ficou largada. Não tinha sentido criar os bichinhos presos. Elas botavam entre as plantas e a gente ia procurar os ninhos para cozinhar os ovos, elas não chocavam.



Também tivemos porquinhos-da-índia: três filhos, cada um ganhou o seu. Um macho e duas fêmeas e, de repente, três se tornaram vinte e três. O controle de natalidade adverte: porquinho-da-índia e coelho, melhor não ter casal. E além deles tinha tartaruga, coelho e o meu aquário. Passava horas observando os peixes, vigiando os filhotinhos que tinham nascido. Era quase uma prática meditativa.

E quando a lembrancinha de um aniversário era um pintinho? Ia para nossa, casa, os nossos e os dos vizinhos. Quando eles cresciam levávamos para a fazenda. Foi assim com aqueles três frangos brancos com cara de iê-iê-iê, "Os Priuts", que foram morar com as galinhas caipiras e acabaram sendo devorados por algum bicho do mato.

Uma vez um morcego caiu lá em casa, debaixo de uma chuva muito forte, eu o vi pela porta de vidro e fui lá resgatar. Enrolei o bichinho numa toalha, sequei e soltei quando a chuva passou.

Eu gostava tanto de bicho que queria ser veterinária. Achava mais fácil lidar com bicho do que com gente. Gente faz muitas coisas ruins.

O RESGATE DA NAVE-MÃE

Adultos eram muito complicados, especialmente os homens. Às vezes davam umas patadas na gente e a gente nem sabia o motivo. E eles não explicavam também não. Tinha que adivinhar. Dava vontade de me mudar para a Ilha Paraíso da Mulher-Maravilha, achava que lá dariam valor ao que eu penso, não tinha homem para reprimir. Ninguém escutava o que as meninas tinham a dizer, era chato ser ignorada.

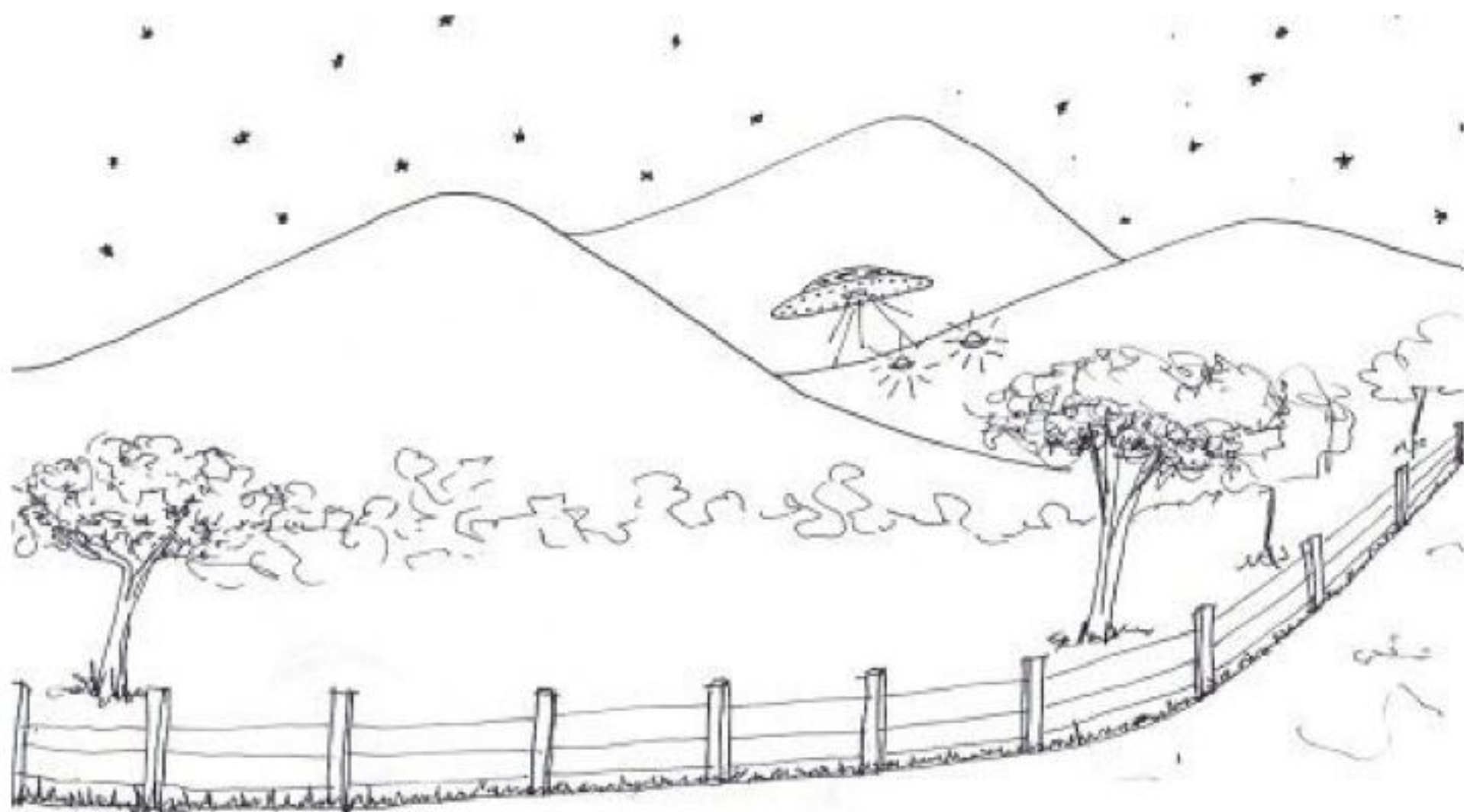
Um dia assisti “Contatos Imediatos do Terceiro Grau”, eu tinha dez anos e passei a sonhar com discos voadores, queria muito fazer contato com extraterrestres. Acreditava que eles seriam melhores, mais evoluídos.

Um dia, saindo da fazenda à noite, pela estrada de terra, eu e todas as crianças na carroceria da caminhonete, tudo escuro, só pasto e mato ao redor vimos luzes. Uma luz grande parada no ar.

Meu tio para o carro e desce da cabine com o 38 em punho. Sim, os homens da família andavam armados, meu pai não, mas meus tios e avô tinham armas. Umas dez crianças na carroceria da caminhonete e um homem adulto, pai de três com arma em punho preparado para atirar em extraterrestres. Minha tia em desespero, gritando, querendo fugir logo dali.

Meu disco voador! Era ele!

Da luz grande saíram duas luzinhas menores que foram em nossa direção. São eles! Duas naves vindo ao nosso encontro! De pé na caçamba eu e minha irmã piscávamos nossas lanternas sinalizando para eles. Tentávamos falar qualquer coisa em Código Morse, um contato imediato! Eu estava eufórica esperando as naves chegarem.



As luzes desapareceram.

Instantes depois dois carros se aproximaram e matamos a charada. A luz grande era uma luz da casa que havia ficado acesa. As luzes menores eram os faróis dos dois carros percorrendo a estrada por onde já havíamos passado. O carro dos meus pais e de outro tio que saíram pouco depois de nós. Nenhum tiro foi disparado, mas lá se foi meu sonho de ser resgatada.

CAPÍTULO 2

INFÂNCIAS

AMANDA

Amanda tinha uma infância feliz, passava as férias na colônia do clube do qual era sócia, a mãe achava mais prático deixá-la lá o dia todo, dava menos trabalho. Ela gostava, tinha muitos amigos que faziam o mesmo, se divertia.

Tinha onze anos e aquele era seu último dia na colônia de férias. Corria pelos corredores brincando com duas amigas. Se separou delas e encontrou o professor de educação física que pediu o abraço. No abraço ele a carregou.

Ela acreditou num carinho paternal, achou que ele fosse girar com ela pendurada em seu pescoço. Ele a levou para o banheiro. Trancou a porta.

A inocência de uma criança roubada. Toda a maldade do mundo revelada.

O medo era tanto que a paralisou. Não teve forças para pedir socorro. Não conseguiu correr nem gritar. Não reagiu.

Durante quatro horas ela foi violentada.

“Você nunca vai esquecer de mim!”

Tampava sua boca para que os gritos não saíssem.

Doía. E quando ela dizia que estava doendo ele fazia com mais força e machucava com mais vontade. Ele usou objetos como o suporte do papel higiênico. Castração química não teria evitado o estupro.

Teve laceração da vagina, ânus, canal vaginal e colo do útero.

Durante todo o tempo que esteve com ele ouviu ameaças.

“Se contar para alguém, vou fazer coisas muito piores com você!”

Impossível pensar em algo pior que aquilo, então ela deduziu que ele a mataria.

Onze anos com medo de morrer se revelasse aquele segredo horrível.

Foi para casa tentando esconder a dor e as feridas. Sangrou sozinha. Só chorou no seu primeiro banho. Secou as lágrimas. Decidiu que nunca ia contar nada para ninguém. Decidiu apagar aquele dia da sua vida. Não sabia que era impossível.

Ficou doente, teve febre, não conseguiu sair da cama por vários dias.

Mudou o comportamento. Ficou rebelde. Era expulsa de sala diariamente. Ficou agressiva, impaciente, intolerante. Mas seus pais nunca souberam o real motivo, mas fácil colocar culpa nos hormônios da adolescência. Nem sempre crianças se expressam com palavras. Nem sempre os adultos querem ver os sinais.

Teve anorexia. Teve bulimia. Teve depressão.

Tentou tirar sua própria vida para ver se a dor passava.

*image
not
available*

Já tinha dezoito anos quando pode tomar banho de chuveiro elétrico depois que as companhias de energia e água fizeram as ligações na sua casa de tijolos construída com materiais doados.

Márcia não acha certo invadir terrenos, mas se coloca no lugar da mãe e entende que ela não via outra saída. Três filhos em idade escolar para criar, mal remunerada, sem pensão alimentícia, despejada. Como toda a dificuldade, ela nunca repetiu um ano no colégio. Hoje ela é contadora e digitadora, casada e mãe de um menino. A mãe dela ainda mora no mesmo lugar.

LÚCIA

Lúcia nasceu em 1991. Morava com sua mãe e irmãos num barracão de dois cômodos sem luz elétrica. À noite usavam velas para iluminar o ambiente. Todos dormiam quando uma vela caiu em seu berço provocando um incêndio.

A menina foi salva, levada para o hospital. Teve rosto, tronco, pernas e pés queimados pelas chamas. Cicatrizes que levou para toda a vida. Estudou, mas não completou o ensino fundamental.

Preta, pobre, mãe alcoólatra, abandonada pelo pai. Os colegas a rejeitavam por causa da cor da sua pele e das cicatrizes. Deixou a escola para trabalhar e ajudar em casa, cuidar dos irmãos mais novos.

Conseguiu emprego. Se casou. Alugou uma casinha. Teve uma filha e estava grávida da segunda quando o marido perdeu o emprego, ela já havia sido mandada embora antes da gravidez.

Mulher com filha pequena passa por isso sempre.

Não conseguiam mais pagar o aluguel. Foram morar na rua. Fez o pré-natal pelo SUS, descobriu que teria outra menina. Então surgiram feridas em seu corpo. Conseguiu atendimento médico, receita do antibiótico e precisou contar com a ajuda de estranhos para comprar o medicamento.

No lugar de um berço para sua filha, uma barraca na calçada. Quando a menina nascer não vai ter casa, não vai ter enxoval. Talvez não tenha comida todos os dias. Talvez consiga uma escola pública e se alimente lá. Talvez estude. Talvez se forme. Mérito.

Talvez não suporte todas as dificuldades da vida. Talvez seja abusada na rua. Talvez fique dependente de drogas. Talvez cometa um delito. Talvez seja presa. Dirão que não se esforçou.

NOAH

Noah nasceu menina, mas desde pequeno se sentia diferente das outras crianças. Não se identificava como menina.

Odiava usar saia para ir para a escola. Queria ficar na fila dos meninos. Se identificava com eles. Em casa, tinha que brincar de boneca.

Na formatura da pré-escola teve que usar vestido e sandálias brancas, muito choro

*image
not
available*

dos meus pais.

Decepção. Revolta. O dinheiro estava em primeiro lugar para muitas pessoas. Ainda não entendo bem como as coisas chegaram naquele ponto. É tudo meio nebuloso para mim, não sei se por já ter passado muito tempo, ou se foi por terem omitido fatos. Verdades pela metade.

Só consegui perdoar décadas depois, fiz constelação familiar para tentar entender aquele período. Perdoar é diferente de esquecer. Hoje entendo que aquelas dificuldades me ensinaram muita coisa.

Na época foi muito difícil. Eu não assistia quase nenhuma aula, quando estava em sala ficava submersa em revistas sobre música. Não estava nem aí. Para que me esforçar se as pessoas iam continuar me decepcionando?

Minha turma de amigos no colégio não era grande. Muito menos popular. Dia das bruxas, combinei de irmos vestidos de preto. Não tínhamos uniforme no segundo grau. Quando cheguei ao colégio eles estavam de branco. Foi o ponto final.

Já seria reprovada em todas as matérias. Já passava as tardes dormindo, porque gostava dos sonhos. Eram muito melhores que a vida real.

Fui embora e nunca mais voltei.

Estava com depressão. Queria morrer. Imaginava formas de tirar minha própria vida.

Acho que a família toda estava tão desnordeada naquela época que um não conseguia ver o outro.

Meu pedido de socorro era silencioso. Minha salvação veio de dentro de mim. Comecei a fazer um diário e a ler mais.

Interessei-me pela doutrina espírita, fazia sentido naquele momento. Me fez muito bem. Devorava os livros, os romances psicografados.

RESGATE

Mudei de colégio. Tive três meses de férias para me preparar para ser outra pessoa. Ou voltar a ser eu mesma. Passei esse tempo lendo tudo que achava em casa, livros de autoajuda, livros sobre a doutrina espírita pela qual comecei a me interessar.

Escolhi parar de ter medo ou vergonha de ser quem eu era.

Deixei a fragilidade da Isabela de lado e passei a me apresentar como Bebel.

Bebel era minha armadura, máscara, capa, meu avião invisível.

Proteção.

Se você não acredita em si mesma, quem vai acreditar?

Foi difícil disfarçar a timidez no primeiro dia de aula. Todo mundo já se conhecia, eu era uma estranha sem turma. Me sentei e fiquei esperando a aula começar, enquanto todos conversavam animados.

Então duas meninas chegaram para falar comigo. Nunca vou me esquecer daquele momento, das Adrianas que me acolheram.

*image
not
available*

Claro que tem mulher que escolhe, mas o fato de ser crime só facilita para os homens se livrarem do filho indesejado uma vez que, se fosse legal, a mulher teria apoio psicológico e ficaria menos fragilizada caso tentassem convencê-la a fazer uma coisa que ela não quer. O aborto legal daria mais chances de a mulher escolher por si mesma.

Com 11 semanas, se a mãe morre, o feto morre, ele não sobreviveria fora do útero materno, a vida é da mulher. Estou falando em 11 semanas porque a discussão sobre a descriminalização no Brasil trata de uma gestação de até 12 semanas.

Aborto ilegal não acolhe a mulher que busca apoio psicológico. Aborto ilegal mata mulher e mata feto. Aceitar que mulheres continuem morrendo não é ser pró vida.

É preciso ver além dos nossos olhos, das nossas experiências de vida e da nossa história.

ANA

Ana tinha dezenove anos, havia acabado de passar no vestibular quando engravidou do namorado. Namoro recente. Descobriu a gravidez quando já estava com quase dois meses. Precisava tomar aquela decisão e tinha pouco tempo. Não teve tempo para amadurecer a ideia. Não teve uma rede de apoio para ajudá-la a tomar a decisão.

O namorado não pediu para ela abortar, mas também não disse que a apoiaria se ela quisesse ter o bebê. Infelizmente é preciso um espermatozoide para que a mulher gere um filho, mas falta homem para encarar as responsabilidades.

Contou para poucas pessoas esperando apoio. Não teve. Só ouviu que não poderia ter aquele filho, que seus pais não aguentariam a notícia. Se sentiu sozinha. Queria que alguém a encorajasse a levar adiante. Ninguém.

Se apaixonou pelo bebê assim que ouviu seu coração batendo naquele ultrassom. Levou aquela imagem impressa. Seu namorado a aguardava do lado de fora. Nem quis ver a imagem.

Levou a imagem para sua melhor amiga. Ela também não quis ver, não queria criar aquele sentimento. O sentimento dela era só dela, não teve com quem dividir.

Se sentiu culpada por não ter enfrentado as pessoas. Por não ter tido força para assumir sozinha. Se culpa por ter deitado naquela cama e deixado seu bebê ser sugado. Aquela dor a acompanhou. Mesmo depois de casada. Mesmo depois de ter uma filha.

Queria ter sido acolhida. Queria ter tido apoio. Queria não ser julgada. Sempre reza pelo bebê que se foi. Sempre pede perdão. E tenta se perdoar.



CLARISSA

Clarissa não foi presa. Não precisou usar o SUS. Não fez curetagem. Não ficou internada. Ela é branca, de classe média. Teve acesso à uma boa educação. Teve acesso à cultura. Teve a chance de escolher fazer um aborto seguro, mesmo sabendo que era ilegal.

Ela tinha dezenove anos, tinha um namorado, fazia faculdade e descobriu que estava grávida de cinco semanas. Ela queria aquele bebê. Contou para as amigas, para os colegas de faculdade, mas o namorado não queria filho naquele momento. A mãe era católica, mas também não achava que era hora de a filha ter um bebê.

Foi acompanhada pela mãe e pelo namorado que ela chegou àquele consultório naquele prédio chique. A ginecologista fez o aborto no mesmo dia. Clarissa, deitada, ouvia o barulho daquela máquina sugando seu bebê. Quando terminou o procedimento a médica disse que o problema estava resolvido.

Ela sofreu muito. Sua vontade não foi ouvida. Mas o sofrimento foi emocional. Fisicamente ela estava bem, sem nenhuma consequência.

Ela teve um atendimento digno. Não correu risco de vida. A família tinha dinheiro para pagar. Embora o aborto seja ilegal no Brasil, quem tem dinheiro tem o privilégio de fazer sem sofrer as consequências.

LÚCIA

Lúcia era casada e tinha duas filhas. Ela era empregada doméstica e morava numa casinha de três cômodos bem pequenos numa favela da cidade. Ela e o marido não queriam ter mais filhos, mas ela engravidou, mesmo tomando pílula.

Demorou para descobrir. Quando descobriu já estava com uns cinco meses de gestação. Não queria, achava que não podia ter aquele bebê, o marido também não queria. Foi a uma clínica clandestina. A mulher enfiou agulhas de tricô no seu útero.

*image
not
available*

CAPÍTULO 5

MÃE DE PRIMEIRA VIAGEM

MINHA ESTREIA COMO MÃE

Depois de cinco anos morando juntos, decidimos ter nosso bebê. Não demorei muito para engravidar.

A maternidade é realmente um momento muito romântico da vida da mulher.

Tirando os enjoos.

Os gases.

A azia.

A falta de posição para dormir.

O ganho de peso.

A bexiga espremida.

As espinhas.

As oscilações de humor.

Edema.

A sensibilidade.

As estrias.

A gravidez é linda!

Enjoei demais nos 3 primeiros meses, acordava de madrugada para vomitar. Quando os enjoos passaram veio a azia.

E quando me perguntavam se já tinha agendado a cesariana e eu respondia que estava esperando entrar em trabalho de parto porque queria parto normal, o povo arregalava os olhos. A cultura da cesariana era pesada em 2009.

Fico rindo da minha inocência durante a gravidez. Me preparando para parir, para amamentar e trocar fraldas.

Tem curso para tudo isso, mas não tem um curso que te ensine a ser pai e mãe. Isso a gente aprende com fórceps!

*image
not
available*

*image
not
available*

vez e aquele ciclo não tinha fim. Passei um ano sofrendo com isso.

Odiava ter que dar remédio para ele, sempre fui mais natureba. Um dia troquei o leite por soja porque ele estava com uma diarreia que não passava e a otite também sumiu. E só voltou quando voltei com a fórmula.

Ele tinha alergia à proteína do leite e, na época, ainda não sabiam que a alergia podia fazer a criança produzir secreção em excesso e ir para os ouvidos. Tirei a fórmula e o menino nunca mais teve nada no ouvido.

Eu tinha orgulho de ser essas mães que dão conta de tudo. Trabalha, cuida do bebê, amamenta, tem marido, faz sexo, vai ao salão toda semana fazer as unhas, usa salto. Por um tempo consegui encarar essa maternidade idealizada, mas uma hora a gente tem um surto, porque é muito pesado.

Falando aqui do meu lugar privilegiado de mulher branca que tinha uma funcionária doméstica que deixava sua filha na creche para estar na minha casa limpando e cozinhando todos os dias.

Eu chegava em casa e estava tudo na mais perfeita ordem, Simei tinha deixado as roupas lavadas e passadas, a comida pronta, a casa limpa, a roupa de cama trocada.



Mesmo assim eu me sentia muito cansada. O bebê vai crescendo e as demandas vão mudando. A gente precisa ir aprendendo e mudando também. E ninguém te prepara para as etapas que estão por vir. E uma etapa é mais desafiadora que a outra. Como dizem, maternidade é igual videogame, cada fase fica mais difícil.

Eu fiquei insuportável. Felipe chegava da escola chorando e não parava, não queria tomar banho, sempre muito irritado. Eu não entendia que aquilo era só cansaço depois de um dia cheio de atividades. Ele tinha quase dois anos. Para piorar a situação a escola informou que iria desfraldar todas as crianças, ele era o mais novo. Ainda não era hora. Mas eu acatei a decisão da escola porque elas tinham mais experiência que eu.

E é nessa hora, quando você não escuta o que sua intuição tem a dizer, que a coisa desanda!

Descontei minha frustração de mãe que não conseguia ser perfeita no marido. Casamento precisa de ajustes depois que os filhos nascem. A configuração muda e nós precisamos aprender a lidar com um elemento a mais nessa matemática.

Um dia ele disse que achava melhor a gente se separar. Pensa, um filho de um ano e dez meses, depois de mais de sete anos juntos, se eu ia me separar. Ele falou em guarda compartilhada. Sem chance. Se um dia a gente se separar a guarda é dele. Eu vou sofrer por não ver meu filho todos os dias, mas não fico com a guarda.

Conversamos, pedi desculpas, eu sabia que não estava sendo fácil para nenhum de nós e fomos acertando as coisas.

Mas eu ainda me sentia perdida. Não sabia mais lidar com meu pequeno. Na ânsia de ser capaz de tudo eu me perdi. De repente tudo estava dando errado.

Foi então que fiz um post pedindo ajuda para as amigas que estavam passando pela mesma coisa. Assim, em 2011, criei, despretensiosamente, o “Padecendo no Paraíso”, um grupo de mulheres que tem filhos no Facebook.

A maternidade pode ser bem solitária. Naquele espaço encontramos acolhimento e nossas vozes são ouvidas.

Ali eu não me sentia mais sozinha. Eu tinha outras mães para dividirem as dificuldades e as alegrias comigo. Fiz novas amigas, coisa que parecia ser impossível depois da maternidade.

“Padecendo no Paraíso” foi meu filho não planejado. E olha que, desde antes de engravidar, nós já havíamos decidido ter um filho só.

CAPÍTULO 6

FILHOS

“De todas as mães, você é a mais mãe de todas.”

Felipe Lorentz

O DILEMA DO FILHO ÚNICO

Ter um filho só é uma escolha que fazemos todos os dias. Seguimos firmes na decisão que foi a melhor para a nossa família.

Quando decidimos ter um filho só, o principal motivo era que o mundo já tem gente demais. Ter filho não é sustentável. Depois que ele nasceu e ter filho se tornou algo concreto, várias outras razões para não ter o segundo surgiram.

Algumas pessoas dizem que é egoísmo ter filho único. Isso depende mesmo do seu ponto de vista. O mundo não comporta tanta gente, estamos acabando com os recursos naturais e é uma decisão consciente, racional e não egoísta.

A questão financeira é um ponto muito importante, talvez o mais importante para os pais de hoje. Um filho custa muito dinheiro. Com um só é mais fácil ter acesso à escola particular, a cursos extracurriculares, ter plano de saúde, morar melhor, sobrar dinheiro para lazer.

A gente sabe que o amor pelos filhos se multiplica, sempre cabe mais um no coração de mãe. Mas os boletos também se multiplicam, e fechar essa conta já é mais difícil.

Se eu queria muito ser mãe, o filho único já me realiza plenamente. Me ensina, me cansa, me levanta, me faz mudar. E não tem nada de egoísta, ser mãe é se desdobrar, se doar.

Um estudo de uma Universidade na China mostrou que filhos únicos são mais criativos, mas são menos preocupados com os outros. Outro estudo, de uma universidade dos EUA mostrou que, quanto mais filhos, menores as suas notas na escola.

Irmão não é presente. Você não tem um segundo filho porque seu primeiro filho quer um irmão. Você tem o segundo filho porque você quer outro filho.

Não tem documento que garanta que irmãos vão se dar bem. Não tem documento que garanta que, na sua velhice, os filhos vão dividir os cuidados com você.

Decidi, há anos, que, se um dia eu mudar de ideia e quiser ter mais um filho, ele virá por adoção. Nenhuma criança está preparada para ser órfã, se for para eu ter mais um, a via de parto será essa, buscar uma criança que esteja esperando por uma família.

MATERNIDADE VERSUS TRABALHO

Para cada escolha, uma renúncia.